TL3115

EMBARGO ATÉ
12 HORAS
10 DEZ 96

Cerimónia de outorga do Prémio Nobel da Paz 1996

Discurso de Aceitação e Palestra

proferido por

D. Carlos Filipe Ximenes Belo

Oslo, 10 de Dezembro de 1996

Discurso de Aceitação e Palestra / Prémio Nobel da Paz 1996

Sua Majestade,
Caros Membros do Comité Norueguês do Nobel
Honorável Primeiro Ministro
Excelências, Ministros
Membros do Parlamento
Membros do Corpo Diplomático
Atenciosos Amigos
Distintos Convidados
Amigos, Senhoras e Senhores,

"As nações proclamarão a sua sabedoria, a assembleia celebrará os seus louvores. Se viver muito, o seu nome será mais glorioso do que mil outros e se morrer, o descanso também o tranquilizará" (Sabedoria 39, 10-11)

Excelências, Senhoras e Senhores,

Começo com esta passagem bíblica do Livro da Sabedoria pois expressa com profundo significado a memória do homem que hoje recordamos e cujo prestigiado Prémio da Paz comporta o seu nome. Hoje, dia 10 de Dezembro, celebramos o centésimo aniversário da morte de um sábio benemérito da humanidade, um trabalhador da Paz - Alfred Nobel.

Homens de competência nunca serão apagados da memória da humanidade porque a sua sabedoria, a sua dedicação ao aperfeiçoamento da humanidade, a sua persistência no progresso da ciência a favor da humanidade, faz com que todos, de todos os credos, de todas as ideologias, se sintam, de uma ou de outra forma, gratos pelos seus talentos e pela sua ousadia.

NÃO LEU

Estes homens de competência inquietam, frequentemente, a consciência daqueles que não velam pelo aperfeiçoamento da humanidade. Pois, é um facto, que todos devem contribuir, por qualquer via ou meio, para que a humanidade se torne cada vez mais humana.

NÃO LEU

Que razões é que trouxeram o Bispo Católico de Timor Leste a estar presente, aqui, perante esta assembleia? Venho de um contexto social que já é conhecido de Vossas Excelências, onde, devido às circunstâncias, as aspirações e os desejos do povo são restringidos.

Recorrendo às palavras de Terencio: "Homo sum; humani nihil a me alienum puto" [Sou humano; e nada do que é humano me é estranho] (Terencio 1, 1,25)

Como homem, como ser humano, não posso permanecer indiferente perante aquilo que ao homem respeita.

Como membro de um povo, tenho de partilhar o destino do povo, assumindo totalmente este mandato, conhecendo os riscos que tal atitude irá envolver. Lutar pela defesa dos direitos de todos os povos não é privilégio exclusivo daqueles que orientam o destino do povo ou daqueles que ocupam elevadas posições na sociedade, é sim dever de todos, qualquer que seja a posição ou estatuto.

Como membro da Igreja, chamo a mim a missão de esclarecer e denunciar todas as situações humanas que estejam em desacordo com o conceito cristão e sejam contrárias aos ensinamentos da Igreja que dizem respeito a toda a humanidade.

O Bispo Católico é o pastor de uma parte do povo de Deus. A sua missão específica é espiritual. Tal missão é-lhe conferida enquanto guardião de recursos espirituais para a salvação das pessoas e fortalecendo-as na fé de Jesus Cristo.

Mas a humanidade não está limitada a uma dimensão espiritual; um indivíduo deve ser salvo enquanto um todo, humano e espiritual. Neste aspecto, um Bispo Católico jamais pode ficar indiferente quando as possibilidades de realização humana, de um povo, em todas as suas dimensões, não são respeitadas.

Assim, o Prémio Nobel da Paz, atribuído a um Bispo Católico, não é uma homenagem a uma pessoa mas, fundamentalmente, a gratidão pelo encorajamento que a Igreja Católica tem vindo a desenvolver, ao longo dos séculos, na defesa e na promoção dos direitos dos seres humanos.

Os ensinamentos do Concílio Vaticano Segundo, na *Gaudium et Spes* [Alegria e Esperança] afirmam: "A Igreja considera que responderá às aspirações profundas dos povos, mostrando a esperança final, pregando a liberdade, a dignidade de consciência e os direitos e isso está, exactamente, no plano de Deus para a salvação".

O dever atribuído à Igreja não é de carácter socio-político mas sim religioso. E, por essa razão, é uma característica da Igreja - uma fonte de luz e de energia - valorizar e contribuir para o fortalecimento da sociedade humana.

É do conhecimento de Vossas Excelências, o esforço da Igreja no que concerne o sofrimento do povo de Timor Leste ao longo destes últimos vinte e um anos. Enquanto Bispo deste povo, não encaro este Prémio Nobel da Paz como algo que prestigie somente uma pessoa, mas como a homenagem devida à Igreja Católica de Timor Leste pelo trabalho feito na defesa dos direitos inalienáveis do seu povo.

"Embora o tenhas feito um pouco inferior a um deus, coroas-te-o de glória e de beleza" (Salmo 8,6)

Para o autor deste salmo, a dignidade humana enraíza-se na sua vocação divina, criada por Deus.

É a minha crença e o meu conhecimento acerca da humanidade que me guiam e me impelem, tal como a minha consciência me diz como actuar.

No entanto, dirigir-me a esta distinta assembleia com convicções e conceitos sobre a humanidade, pode ser bastante humanístico. Mas estou certo que temos algo de comum, que é o afirmar ser o ser humano o sujeito de todos os conceitos e actividades humanas. Declaramos que o valor e a dignidade de cada um não dependem da crença, religião, política, filosofia, raça ou cor da pele.

O homem é um ser para a liberdade. Tal significa que a realização individual está completa quando se é capaz de decidir sobre as suas próprias opções e assumir a responsabilidade das suas acções sem estar sujeito a qualquer tipo de intimidação.

O homem é um ser que se realiza na comunidade. Tal significa que o grupo social ou étnico de pertença é o pano de fundo para a sua realização.

O homem é um ser que se realiza quando há respeito recíproco. Tal significa que onde quer que os seres humanos sejam desrespeitados nos seus mais elementares direitos, por aqueles que dirigem ou detêm responsabilidade na sociedade, temos, como consequência, a opressão, a escravatura, a arrogância, a arbitrariedade, a morte de indivíduos, a morte de um povo.

Senhoras e Senhores, estes princípios aplicam-se a todos e são válidos para a Igreja, que também afirma que a dignidade humana está enraizada e cumpre-se em Deus, Ele mesmo.

As pessoas foram colocadas em sociedade por Deus, o Criador, mas para além e acima de tudo, cada um é chamado a unir-se com Ele, enquanto filho de Deus e participando da felicidade divina.

Para além disso, a Igreja ensina-nos que se o fundamento divino e a esperança na vida eterna estão ausentes, a dignidade humana é fortemente danificada (G.S. 21).

A Igreja Católica proclama Jesus Cristo como o grande salvador de toda a humanidade. Na verdade, Jesus liberta cada um da escravidão moral e social, restituindo a dignidade como ser humano.

Tornando Cristo conhecido, a Igreja revela a todos a sua verdadeira situação e chamamento, uma vez que Cristo é o chefe e o modelo dessa humanidade renovada, imbuída de amor fraternal, sinceridade e de espírito de paz a que todos aspiramos (AG 8).

Sua Majestade, Membros do Comité Nobel, Meus Amigos de todo o mundo, Sinto-me profundamente honrado por estar perante vós, hoje, para receber o Prémio Nobel da Paz. Mas qualquer que seja o elogio que venha a receber, estou convencido que recebo esta elevada homenagem não pelo que sou ou pelo que fiz. Creio firmemente que estou aqui, essencialmente, como a voz do povo sem voz, de Timor Leste, que está hoje aqui comigo em espírito senão fisicamente. O que o povo quer é a Paz, o fim da violência e o respeito pelos seus direitos humanos. É minha fervorosa esperança que o Prémio Nobel da Paz de 1996 impulsionará estes objectivos.

Acima de tudo, acima de tudo o resto, sinto-me consciente e humilde nos meus pensamentos com respeito ao Papa João Paulo II, que tanto fez face à esmagadora inferioridade na luta de então para remover o jugo do comunismo da Polónia e de outras nações, a quem disseram para ser realistas e aceitar o seu destino.

O Santo Padre deu-me um exemplo e a profundidade de inspiração inigualáveis. A minha gratidão para com João Paulo II não pode ser adequadamente expressa.

Penso igualmente noutros, particularmente da Ásia que nunca aqui estiveram. Contemplo com infindável espanto a obra de Mahatma Ghandi e o seu credo na não-violência. no movimento para a mudança. Penso na China e oro pelo bem-estar do Senhor Wei Jing Sheng e os seus colegas na esperança de que possam ser libertados, em breve, das suas celas de prisão, tal como os dirigentes indonésios que foram libertados da infame prisão de Boven Digul após longos anos de cruel cativeiro. Sem dúvida que esses mesmos dirigentes indonésios mereceram um lugar aqui, em Oslo, mesmo antes do meu nascimento, em 1948, no auge da sua luta pela liberdade e dignidade. Penso nos destemidos combatentes indonésios e apercebo-me de que a história tem tanto para nos ensinar desde que tenhamos tempo para contemplar a sua riqueza.

Perfilo-me humildemente perante a augusta presença dos meus antecessores, aqui em Oslo. Penso no Reverendo Dr. Martin Luther King Jr. "de pé no cume da montanha, olhando a terra prometida". Estas palavras recordam-me o panorama das majestosas montanhas do meu amado Timor Leste - o Monte Matebian (a montanha dos Mortos), perto do local onde nasci, na zona oriental; e o Monte Ramelau a oeste. Ao olhar estas montanhas nas minhas frequentes viagens através da minha terra natal, sinto cada vez mais que é altura de silenciar as armas em Timor Leste. Hoje e para sempre, é mais do que tempo de devolver a tranquilidade à vida do povo da minha Pátria, é mais do que tempo para que tenha lugar um verdadeiro diálogo. As pessoas de boa-vontade devem usar de todos os meios pacíficos, do engenho e inteligência humanas, para encontrar formas de criar uma paz genuína baseada no respeito mútuo e na dignidade humana.

Timor Leste não está sózinho na busca da paz e da dignidade e é da maior importância reconhecer o trabalho realizado por outros. No ano passado, tive o privilégio de, em Belfast, Irlanda do Norte, ser hóspede da co-laureada de 1976, a Senhora Mairead Corrigan Maguire, cujo trabalho crescente em prol da paz sensibilizou muitas pessoas em todo o mundo. A Senhora Maguire conduziu-me amavelmente numa visita, informativa e emocionante, pelas áreas mais perturbadas de Belfast, na noite seguinte ao incêndio de muitas viaturas, como protesto pela libertação prematura de um soldado acusado de matar uma jovem de 18 anos. Rezo para que o povo da Irlanda do Norte possa conhecer a paz genuína, a justiça e a tranquilidade num futuro próximo.

No ano passado, encontrei-me com Sua Santidade, o Dalai Lama, e fiquei profundamente emocionado com a sua sabedoria e bondade. O povo do Tibete nunca está ausente das minhas orações, assim como não o estão as comunidades dos povos indígenas de todo o mundo, que estão cada vez mais a ser esmagadas pela modernidade agressiva que se auto-intitula civilização.

Oro pela paz no Médio Oriente e no Afeganistão, que não podem ser esquecidos, e pela continuação do processo de paz na América Central. E nenhum ser humano pode permanecer indiferente ao drama da região dos Grandes Lagos, no Burundi, no Ruanda e, também, no Zaire, onde o sofrimento humano grita por uma solução.

A CRESCENTE SUDÃO

Na África do sul, aprofunda-se a procura da paz. Na minha opinião, o trabalho do Arcebispo Desmond Tutu é um exemplo brilhante do modo como a verdade pode ser combinada com a demanda pelos direitos humanos, do modo como o humor e a humildade podem ser agregadas com a justeza e, oro apenas para que seja merecedor deste manto [veste; capa]. Na Birmânia, saúdo a força e a graciosidade de Daw Aung San Suu Kyi, e rezo para que melhores dias cheguem para ela e para o seu povo. Que a beleza da música do seu piano consiga suavizar os corações dos exércitos e das nações. Na Birmânia, e pelo mundo, em locais conhecidos e desconhecidos, apliquemos as palavras do capítulo quinto do Amos, do Velho Testamento: "Que a justiça flua como as águas".

Pensemos sempre nas muitas pessoas anónimas, por todo o mundo, que lutam pela protecção dos direitos humanos. Dia após dia, trabalhando para convencer a comunidade internacional da justeza da sua causa, sejam muçulmanos ou cristãos, protestantes ou católicos, hindus ou budistas, quer sejam seguidores de antigas crenças tradicionais, crentes ou não crentes, afirmo: pressionem, sejam corajosos, permaneçam fiéis aos vossos ideais, e não sereis esquecidos.

O mundo censura aqueles que pegam em armas para defender as suas causas e apela para que usem meios não-violentos para dar voz às suas mágoas. Mas quando um povo escolhe a via não-violenta é frequente ninguém os ouvir. É trágico que as pessoas tenham de sofrer e morrer e que as câmaras de televisão tenham de transmitir diariamente imagens, para o interior de cada lar, para que o mundo, no seu todo, admita que existe um problema. Aqui reside o enorme significado e a corajosa sabedoria na decisão do Comité Nobel para destacar, este ano, Timor Leste; representa o extraordinário reconhecimento da demanda, de Timor Leste, pela paz e o reconhecimento dos seus apelos para pôr fim ao sofrimento.

Falo de tudo isto como alguém que detém a responsabilidade de dar testemunho daquilo que ouviu e viu, de reagir aquilo que eu sei ser verdadeiro, de manter viva a chama da esperança, de fazer aquilo que é possível para aquecer a terra para o dia seguinte. Falo como líder espiritual, não como um político, que de facto não sou. Nas últimas semanas, alguns artigos descreviam-me como "um antigo pastor", não percebendo que a minha vocação apenas evoluiu, de um emprego de jovem que cuidava de búfalos de água, para a enorme responsabilidade de tentar empenhar o meu frágil ser à árdua tarefa de guiar moralmente, numa situação onde praticamente ninguém está completamente satisfeito com as minhas acções.

Alguns escreveram que se não tivesse havido guerra em Timor Leste, eu dispenderia todo o meu tempo a cuidar das necessidades da juventude inquieta, que é o especial chamamento da minha Ordem, os Salesianos de S. João Bosco. Mas isto é apenas uma questão de grau; mesmo actualmente, dispendo uma considerável energia a ouvir e a aconselhar os jovens de Timor Leste, que necessitam de uma tal ajuda por causa do seu passado. Esta é a minha obrigação especial, e que eu acolho com gosto.

Assim devo continuar, consciente das muitas tarefas que estão longe de terem sido cumpridas. S. João Bosco disse que teremos oportunidade de descansar no além, e não neste mundo. E a minha vida, nestes últimos treze anos, desde que assumi o posto em Timor Leste, ilustra a precisão da afirmação de D. Bosco a este respeito, entre outras. Mas o meu trabalho árduo é apenas parte do que é necessário; a participação dos outros é vital. Estendo a mão em sinal de amizade e boa-vontade a todos aqueles que prestam assistência genuína e apoio moral à luta vital pela paz em Timor Leste, em toda a Ásia, em África e no hemisfério ocidental, pela Europa, na Bósnia e algures nos Balcãs. Em toda a parte.

Devo também louvar as Nações Unidas pelos seus incansáveis esforços na questão de Timor Leste, que têm sido de importância fulcral em manter o assunto vivo no decurso de muitos e longos anos. Face a grandes obstáculos e não obstante as dificuldades, as Nações Unidas têm persistido com o objectivo de incentivar o diálogo que possa criar, um dia, uma estrutura duradoira de paz, em Timor Leste e em muitos locais do mundo.

Não existe outra estrutura que possa substituir as Nações Unidas, particularmente à luz da história e da credibilidade desta organização mundial. Não podemos subestimar o facto de que as Nações Unidas desempenharam um papel importante desde os primeiros dias de 1940, apoiando a luta do movimento nacionalista indonésio. A jovem República Indonésia combateu sózinha, com suprema coragem, contra a força bruta do colonialismo e seus aliados, recebendo, em última instância, o apoio moral indispensável que só a recém-criada associação mundial poderia dispensar.

Face ao peso moral das Nações Unidas, os holandeses e os seus aliados não puderam continuar as operações militares impunemente, como outras potências coloniais faziam antes da criação das Nações Unidas, em 1945. Isto nunca deve ser esquecido. Assim, o mundo deve fazer tudo o que puder para fortalecer as Nações Unidas nos meses e anos que se seguem, nos mais profundos interesses de todos os povos do mundo.

Que fique claro que, para a paz ser uma realidade, devemos ser flexíveis tanto quanto sábios. Devemos reconhecer os nossos próprios erros e modificarmo-nos no interesse da paz. Não sou excepção a esta regra. Coloquemos um fim à ira e à hostilidade, à vingança e a outros sentimentos sombrios, e transformemo-nos em humildes agentes da paz.

As pessoas em Timor Leste não são intransigentes. Elas não deixam de estar dispostas a perdoar e a suplantar a sua amargura. Pelo contrário, anseiam a paz, a paz no seio da sua comunidade e a paz na sua região. Desejam construir pontes com os seus irmãos e irmãs indonésios e encontrar formas de criar a harmonia e a tolerância.

O respeito mútuo é o pilar do compromisso. Comecemos por fazer um esforço sincero para alterar a gravíssima situação de direitos humanos em Timor Leste. A Igreja sempre desempenhou o seu papel. Formámos a Comissão "Paz e Justiça" que está sempre pronta a cooperar com as autoridades nos diversos problemas.

Representantes de organizações de direitos humanos independentes visitaram reiteradamente Timor Leste e recomendaram o que devia ser feito. Como primeiro passo, deve ser dada atenção urgente à libertação de presos políticos timorenses, de acordo com o capítulo sobre Humanitarismo, no Panca Sila - os Cinco Princípios da Ideologia de Estado da Indonésia. Tal passo ajudaria a criar uma importante abertura no caminho para a paz.

Senhoras e Senhores, tomo a liberdade de recordar-vos, nesta Assembleia, o apelo do meu antecessor, o Primeiro Ministro de Israel, o falecido Itzaak Rabin, falando em Nova Iorque, aquando do primeiro encontro histórico com o Presidente Arafat, onde afirmou: "Parai com o derramamento de sangue". NÃO LEU

Faço meu este apelo, e afirmo: "Parai com o derramamento de sangue". E acrescento: parai com a opressão. Parai com a violência. Parai com o conflito. Sentemo-nos em torno de uma mesa e entendamo-nos, porque não podemos tolerar o prolongamento, por muito tempo, do sofrimento do povo de Timor Leste. Penso que é esta a intenção fundamental do Comité Nobel ao conceder-nos o Prémio, assim expresso pelo seu Presidente, o Senhor Francis Sejersted. NÃO LEU

Senhoras e Senhores, foi dada a Timor Leste a possibilidade de ser ouvido em todo o mundo, pela voz de dois dos seus filhos, por meio desta cerimónia solene; gostaria que esta atenção, dispensada pelo mundo a Timor Leste, fosse de igual intensidade em relação a tantos outros problemas que preocupam outros povos.

Existem situações semelhantes pelo mundo fora, onde as pessoas vivem em condições tão terríveis como as de Timor, mas não têm a possibilidade de serem ouvidas.

Recebemos, diariamente, em nossas casas, notícias e imagens de sofrimento, dor e destruição causados pela guerra. "A guerra, esse monstro" como dizia Padre António Vieira, "com aquilo que faz, nem Deus está seguro no altar".

Apelo a todos os homens de boa-vontade e, particularmente, aos detentores de poder, que encontrem soluções para estes inúmeros conflitos. Soluções assentes na justiça e na solidariedade para que os direitos fundamentais sejam respeitados.

Apelo, igualmente, a todos os profissionais dos meios de informação, responsáveis por esta grande missão, para que modelem a comunicação entre as várias latitudes do globo, e façam-no com verdade e isenção, para a construção de uma sociedade mais humana e mais justa, sem manipulações tendenciosas.

NÃO LEU

Antes de terminar, gostaria de dirigir uma palavra aos jovens de todo o mundo, particularmente aos jovens do meu querido Timor: "A sociedade é uma sucessão de elos entrelaçados onde cada geração tem o dever de contribuir para a geração seguinte afim de viver num mundo, fraterna e pacificamente. Nos vossos ombros, queridos jovens de todo o mundo, recai a responsabilidade de transformar o mundo de amanhã numa sociedade onde reinem a paz, a harmonia e a fraternidade."

Caros jovens, cito de memória o grande poeta indiano Rabindranat Tagore: "Jovens, tal como a flor de lótus, floresçam apenas uma vez na vida". Não se deixem murchar ao longo do caminho. → NÃO LEU

Por último, um acontecimento nunca resulta de uma acção isolada. A atribuição do Prémio Nobel da Paz a estes dois filhos de Timor, Dr. Ramos-Horta e eu próprio, tem lugar porque muitas pessoas, grupos e instituições trabalharam arduamente para que o acontecimento fosse uma realidade.

Neste momento, gostaria de, em primeiro lugar, agradecer a Sua Majestade, o Rei da Noruega, por ter sido sensível ao sofrimento do povo de Timor Leste e pela generosa presença nesta cerimónia solene.

Os meus agradecimentos dirigem-se ao Comité Nobel da Paz pela amável atenção e corajoso empenhamento, em nome da situação difícil dos timorenses.

Agradeço aos membros do Governo e do Parlamento noruegueses pela decisão de nos honrar com o Prémio Nobel da Paz.

Destaco os agradecimentos a Portugal e a outras nações amigas, bem como as distintas personalidades que propuseram os nossos nomes como candidatos ao Prémio Nobel da Paz.

Aos Timorenses, aqui presentes e aos ausentes, expresso a minha indescritível gratidão e a minha comunhão e solidariedade silenciosa convosco.

A Sua Santidade, Papa João Paulo II, que tem sido persistente e atencioso no acompanhamento da situação e do sofrimento do povo e da Igreja de Timor Leste, ofereço a minha devoção filial e a promessa de fidelidade infindável e em união com Cristo.

À Comissão Pontifícia de Justiça e Paz, particularmente na pessoa do seu Presidente, Sua Eminência o Cardeal Roger Etchegaray, que teve a oportunidade de estar em contacto directo com a Igreja de Timor, ofereço a minha profunda gratidão.

Não posso esquecer a contribuição dada por amigos de outras religiões que, com a sua discrição e acção corajosa fizeram com que fosse possível a atribuição do Prémio Nobel da Paz de 1996 à Igreja Católica de Timor Leste.

Ainda que esteja consciente de que é difícil listar todas as Organizações Não-Governamentais, Grupos Humanitários, Grupos ligados à Igreja e indivíduos, seria injusto esquecer, todos aqueles que trabalharam arduamente, em silêncio e sem grande publicidade, para que os Timorenses pudessem receber assistência e para que a questão Timorense não fosse enterrada no esquecimento. Com eles, partilho a minha felicidade.

Por último, os meus sinceros agradecimentos a todos os membros da comunicação social de todo o mundo. Eles emprestaram a sua voz para que fossem conhecidos, no mundo, a angústia e o sofrimento dos Timorenses. Gostaria de prestar a minha homenagem àqueles que divulgam informação sobre Timor, arriscando as suas vidas e alguns tombando em solo de Timor Leste.

NÃO LEU

"O Criador e Pai de tudo e de todos recompensar-nos-á e dar-nos-á força, sabedoria e coragem para lutar pelo nosso semelhante, porque cada um de nós é feito à imagem e semelhança de Deus" (Gen. 1, 26)

Monsenhor Carlos Filipe Ximenes Belo SDB
Bispo Titular de Lorium e
Administrador Apostólico de Díli